

Entrevista com o poeta Carlos Frederico Manes

A poesia brasileira no século XXI: um ofício de resistência

Simone Guerreiro*

Carlos Frederico Manes nasceu no Rio de Janeiro em 1967, formou-se em Letras pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) em 1990, e em Direito pela UFF (Universidade Federal Fluminense), em 2001. Lançou seu primeiro livro de poesias, **Poemas**, em 2006; em 2012, lançou **Amálgama**, ambos pela editora Ibis Libris, e em 2016 lançou **Viventes de Saturno**, pela editora Circuito. Participou de duas antologias: **Roteiro da Poesia Brasileira – anos 2000**, pela editora Global, e **Poemas Cariocas**, em 2013, pela editora Ibis Libris. Está prestes a lançar mais um livro, **Rupestres** pela editora Urutau. Nesta entrevista exclusiva, o poeta carioca, além de nos falar de seus livros, de suas influências e de seu processo de criação literária, mantém uma interessante reflexão sobre a poesia brasileira. Classificar a poesia de Carlos Frederico Manes não é minha intenção, até por que o autor não deseja classificações, ao falar de suas influências observamos que o amor e a sensibilidade para as artes é de um valor imensurável. Sobre seu trabalho, ele afirma: “ *Busco uma interlocução com o tempo em que vivo; com os poetas que me precederam e com aqueles com quem convivo, ainda que os não conheça pessoalmente*”.

* Instituto Superior Anísio Teixeira (ISAT). Doutora em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui pós-doutorado pela Universidade Federal Fluminense. Desenvolve estudos sobre temas ligados à leitura, escrita e experiência, direcionando suas investigações para a memória individual e cultural.

Simone Guerreiro: Em “Prelúdio” texto de apresentação de seu livro de estreia **Poemas** você nos diz: “Embora a arte seja, em última instância, um punhado de matéria destinada à dissolução no tempo, é através dela que, ao expressar nossa profundidade, sublimamos a dor e acalentamos ideais de uma existência social, intelectual e, por fim, espiritualmente, superior.” Esta também seria uma definição de poesia? O que seria poesia para Carlos Frederico Manes?

Carlos Frederico Manes: Não é propriamente uma definição, mas uma visão das artes em geral, e da poesia em particular, como uma espécie de lenitivo para as nossas dores. Sempre tive interesse em espiritualidade e esoterismo e, naquela época, eu nutria certo entusiasmo por uma concepção de Mondrian, provavelmente influenciado pela Teosofia de Helena Blavatsky, segundo a qual a arte se tornaria desnecessária após a humanidade alcançar um determinado estágio de evolução espiritual. Quanto a mim, nunca tive a preocupação de fixar uma definição de poesia. O que posso dizer a esse respeito é que encaro a poesia sob um aspecto individual e coletivo: no primeiro, é forma de investigação e de expressão da subjetividade; no segundo, junto minha voz à de T. S. Eliot, quando afirmou, ao falar sobre Dante, que o poeta é aquele que faz uma viagem para além do senso comum e depois volta para relatar o que viu a seus concidadãos. Assim, a poesia seria, simultaneamente, preventivo e antídoto contra as banalidades da vida. E esse aspecto coletivo não implica engajamento ideológico, panfletário. Acho que Mário Faustino estava certo, quando disse que a grande poesia, independentemente de sua temática, é sempre politicamente engajada, na medida em que

colabora para a formação espiritual e intelectual de um povo. De um ponto de vista mais formal, fico com a conhecida fórmula de Pound, *Dichten = condensare*. Poesia é linguagem carregada de significado, em um grau máximo.

Simone Guerreiro: Você acha que os leitores de poemas na atualidade se circunscrevem a um público mais específico, de poetas ou críticos? Onde estão os leitores de poesia na sociedade contemporânea? Para quem o poeta escreve?

Carlos Frederico Manes: Creio que não será exagero dizer que, em todas as épocas e países (pelo menos no universo ocidental), o público de poesia sempre foi, essencialmente, restrito, pois sua fruição requer uma capacidade de introspecção, e um prazer em estar só, que não atrai a todos. No caso brasileiro, até inícios do século XX a situação era ainda mais dramática, dado o enorme índice de analfabetismo. Hoje, sem dúvida, há mais leitores, embora ainda seja um número pequeno, se levarmos em consideração a população brasileira como um todo. No Brasil de hoje, esses leitores, me parece, em boa parte se circunscrevem aos círculos universitários das Humanidades, o que não é de se estranhar, já que, em termos acadêmicos, os cursos de Letras são a “casa” natural dos poetas. Mas esta é uma situação que considero ainda longe do ideal. Gostaria muito de que a poesia fosse lida e apreciada por qualquer pessoa, independentemente de sua formação profissional ou acadêmica, como ocorre com a música. Afinal, a poesia também é expressão universal de nossa humanidade. Se o romance, como o conhecemos e concebemos, é uma criação europeia, a poesia está presente em praticamente todas as civilizações de todas as épocas.

Simone Guerreiro: Pensemos numa imagem: “O poeta sentado à mesa, sozinho, em silêncio, diante de uma folha de papel em branco.” Esta imagem lhe parece antiquada?

Carlos Frederico Manes: Essa é uma pergunta interessante, pois já ouvi poetas jovens referirem-se a essa mesma imagem como obsoleta, ou mesmo artificial. Talvez para eles a imagem remeta a uma espécie de aristocracia intelectual, que não desejam para si mesmos. Ou talvez indique, simplesmente, alguma dificuldade que tenham em ficar a sós, imersos em seus próprios pensamentos. Afinal, a era em que vivemos, dos avanços na informática, é também uma era fortemente narcísica, em que a exposição nas redes sociais é tudo, e as gerações de poetas mais jovens com certeza são mais suscetíveis a isso. Para mim, no entanto, a imagem permanece atual, e não vejo nenhum problema nisso. O processo de criação artística requer, sempre, um certo grau de retiro para dentro de si. Lembro-me de ter lido que, numa daquelas festas louquíssimas, na Londres dos anos 60, em que estavam presentes os Rolling Stones, Keith Richards, no meio da confusão, levantou-se e foi para dentro de um quarto. Pouco tempo depois, ele voltava com uma música. E a surdez de Beethoven, a despeito da imensa frustração que lhe causou, em termos de convívio social, não o impediu de produzir grandes obras-primas. Nas artes plásticas, exemplos não faltam: Iberê Camargo, na velhice, declarou que tinha a impressão de ter passado a vida inteira olhando para uma tela, pintando. Francisco Brennand e Georgia O’Keeffe criaram verdadeiras cidadelas, nas quais viviam inteiramente voltados a seus processos criativos. Vê-se, portanto, que, de forma simbólica ou não, o artista tem que saber habitar a solidão e debater-se com o vazio, que, no

caso da poesia, é representado pela folha em branco.

Simone Guerreiro: Como é seu processo de criação literária?

Carlos Frederico Manes: Meu processo de criação é bastante errático; não tenho nenhum tipo de “ritual” para a escrita, nenhum tipo de disciplina. Há períodos em que escrevo diariamente, e depois passo semanas, até meses, sem escrever absolutamente nada, até que uma sensação estranha de vazio interior, associada a uma ânsia irrefreável de expressar algo ainda inominado, começa a me incomodar, e volto à folha em branco. Mas a solidão é essencial. Assim, prefiro escrever à noite, em silêncio, e sempre na forma manuscrita. Há ocasiões em que alguma coisa da vida concreta, como desconhecidos na rua, ou uma lembrança, ou a emoção causada por uma música, um filme, cai como um raio, e nasce o poema. Talvez seja isso o que se chama “inspiração”. Por outro lado, há também os poemas que são pensados. Algo me causa alguma impressão, intelectualmente, e penso “legal, vou escrever um poema sobre isso”. E há também os poemas que advêm de algo puramente interior, independentemente de estímulos externos. Em todos os casos, no entanto, sempre há muito trabalho. Raramente um poema sai em sua forma definitiva. Em geral, a princípio escrevo uma massa de palavras, meio disforme, fruto de impulsos inconscientes, e depois vou desbastando-a, fazendo supressões e acréscimos, até que o poema atinja uma forma que considere definitiva. Drummond já dizia ser o poema uma conjunção de emoção e inteligência. Às vezes, um artigo ou uma preposição fazem toda a diferença no ritmo do verso. O

mesmo vale para a pontuação. É preciso dar atenção a todos os detalhes. E há também os momentos de refluxo na criatividade, de momentânea esterilidade, em que as ideias ou os lampejos de inspiração simplesmente não ocorrem. Quando isso acontece, sigo um conselho de Walter Benjamin: começo a reler textos anteriores, ainda não publicados, buscando melhorá-los. Essa forma de “aquecimento” sempre funciona.

Simone Guerreiro: O bom escritor tem que ser um bom leitor? Qual a sua formação como leitor?

Carlos Frederico Manes: Em arte, ninguém cria a partir do nada. Há sempre influências em jogo, quer o artista tenha ou não consciência disso. Com a poesia não poderia ser diferente. Quanto mais leituras, mais o poeta será senhor de sua arte, na medida em que irá incorporar, à sua própria sensibilidade, procedimentos de linguagem levados a efeito por outros poetas. Armando Freitas Filho, que exerceu e exerce influência sobre poetas mais jovens, é leitor atento e confesso admirador de Drummond. Drummond, por sua vez, foi muito influenciado por Manuel Bandeira. E Bandeira, por fim, foi arguto leitor da lírica portuguesa, em particular de Antônio Nobre. Comigo, o caso mais recente de incorporação estética foi com relação à poética de Gonçalo M. Tavares. Fiquei vivamente impressionado com os poemas dele, reunidos no volume *1*, e no épico **Uma viagem à Índia**, e algum tempo depois fiz alguns poemas influenciados por aquela linguagem, tão diferente da minha. Para mim, como poeta, um dos maiores prazeres que tenho é conhecer outras linguagens, cada uma com sua característica, seu temperamento.

Quanto às leituras literárias, não se trata apenas de ler

poesia. Pound já dizia (e eu concordo com ele), que a boa prosa é sempre instrutiva para o poeta, e com aquela peculiar mistura de entusiasmo com autoridade que o caracterizava, recomendava a leitura de Stendhal e de Flaubert, por exemplo. Com isso, ele pretendia que a linguagem poética se aproximasse mais da linguagem falada, sem adorno nem afetação. No Brasil, dispomos de um conjunto exuberante de grandes prosadores. Em meu caso, os autores que mais fizeram a minha cabeça foram Graciliano Ramos (especialmente o de **São Bernardo e Angústia**), Machado de Assis e Clarice Lispector, sendo esses dois as minhas leituras favoritas em prosa de língua portuguesa. Mas o primeiro prosador que realmente fez minha cabeça foi Hermann Hesse. A leitura de **Demian, O lobo da estepe**, e dos contos reunidos em **Sonho de uma flauta**, na adolescência, foi crucial para meu amadurecimento, não apenas como artista, mas, principalmente, como homem.

Além do texto literário, toda forma de leitura, de vivência, pode ser útil ao desenvolvimento do poeta. W. H. Auden apreciava livros de mineralogia. Jacques Roubaud é matemático. Gottfried Benn era médico, assim como William Carlos Williams e Jorge de Lima, e o exercício de sua profissão teve notável influência sobre sua obra poética. O mesmo se pode afirmar quanto a Joaquim Cardozo, que era engenheiro civil. Essa variedade na formação intelectual, parece-me, é fundamental para o desenvolvimento da arte poética.

Na minha formação, foram importantes os autores que compõem a nossa tradição modernista: Drummond, Bandeira, Cabral; depois Gullar e Quintana. Com os dois primeiros sinto uma afinidade, em termos estéticos e de temperamento. João Cabral, para mim, foi um grande aprendizado no que diz respeito

à estruturação do poema e do livro. E com todos, aprendi a lição que talvez seja a mais importante: contenção de linguagem. O verdadeiro lirismo é sentimento sob controle. Mesmo em poetas mais discursivos e com imagética exuberante, como Roberto Piva, pode-se notar esse mesmo pulso forte segurando as rédeas da linguagem. Mas o primeiro poeta que me impressionou, quando eu tinha dezesseis anos e comecei a escrever poesia, foi Mário de Andrade. **Pauliceia Desvairada** foi a leitura que, para mim, abriu caminho para todas as outras. E depois houve também Mário Faustino, que me causou uma impressão muito forte, não apenas como poeta, mas como crítico. Acho que **Poesia-Experiência**, que reúne seus principais textos, escritos no *Jornal do Brasil*, é leitura fundamental para todo poeta. Li também a vanguarda dos anos 50 e 60: o Concretismo, o Poema-Processo e a Poesia-Práxis. Até hoje me lembro com muito carinho da descoberta dessas vanguardas, na minha adolescência, em uma biblioteca de bairro. Foi uma época em que eu curti também todo tipo de autor doido: Lautréamont e Rimbaud, Mallarmé, os surrealistas franceses, e os beatniks, sem esquecer William Blake, Nerval e Baudelaire, Cummings e Khlébnikov.

Simone Guerreiro: Você nos fala de vários autores que são importantes para a sua formação. Destacarei um autor, Carlos Drummond de Andrade. Em seu livro **Viventes de Saturno** podemos perceber, em alguns de seus poemas, elementos que remetem à densidade de um gaucherismo drummondiano, como exemplo, temos o poema *O Duplo*:

Eu, que tantas vezes
declinei de alumbramentos
sob a curva da noite, trocaria de alma
como se troca de roupa.

Trocaria a água turva
por outra, efusiva e opulenta,
derramando-me no que a vida oferta
de mais selvagem.
Depois vestiria a alma original.
Novamente me faria opaco,
e em paz cumpriria
o sono dos tímidos.

É possível esta comparação? Ou, talvez, esta comparação lhe traz algum desconforto?

Carlos Frederico Manes: Em um nível existencial, creio que sim. Desde cedo, acompanha-me uma sensação estranha de deslocamento, de não pertencimento a lugar algum. O que não implica incapacidade de adaptação para as exigências da vida. No Brasil tornou-se comum a concepção do poeta como alguém que se coloca sempre às margens das demandas do cotidiano, o que é apenas romantismo diluído. Do ponto de vista estético, porém, a comparação não se sustenta. Diante de Drummond, considero-me um mero aprendiz, e seria pretencioso, de minha parte, comparar-me a ele. Não tenho dúvidas de que Drummond é o poeta central do Brasil moderno, e sua influência ainda se fará sentir durante muitos anos. E em um contexto mais amplo, o da poesia moderna de língua portuguesa, ele e Fernando Pessoa são para mim as figuras maiores, e a influência de ambos só não foi maior na literatura ocidental devido a um certo insulamento cultural de nosso idioma.

Simone Guerreiro: Falando mais um pouco sobre suas influências, alguns de seus poemas dialogam com grandes artistas como: Cy Twombly, John Cage, Mahler, Chema Madoz entre outros. De que modo esses artistas atuaram em sua formação

intelectual e em seu trabalho literário?

Carlos Frederico Manes: Dentre esses, creio que o único a exercer uma influência concreta foi Mahler. Sua concepção da sinfonia, como um veículo para a expressão das mais variadas expressões humanas, desde a mais grotesca até a mais sublime, deixou-me bastante entusiasmado, e passei a adotá-la, na medida de minhas possibilidades, na estruturação de meus livros. John Cage é um caso particular, porque, dentre os grandes compositores do século XX, foi o único que tive o prazer de assistir ao vivo, na sala Cecília Meireles, no Rio. A sala estava praticamente vazia e, depois do concerto, fui até os bastidores para encontrá-lo. Muito timidamente, troquei umas poucas palavras e cumprimentei-o. Os poemas que fiz sobre ele e sobre os demais que você citou foram homenagens a artistas cujas linguagens me causaram algum tipo de impacto, ou alguma forma de estranhamento. Conheci a pintura de Cy Twombly numa Bienal de São Paulo, e a fotografia de Chema Madoz, numa exposição no CCBB do Rio, ocasião em que também conheci a obra extraordinária de Farnese de Andrade. Além de leituras literárias e extraliterárias, o trânsito por outras manifestações artísticas é fundamental para o poeta aprofundar o diálogo com seu tempo e desenvolver a sua própria sensibilidade, a sua própria linguagem.

Simone Guerreiro: Seu último livro, **Rupestres**, a ser lançado brevemente, é um passeio pelo concretismo. Ele segue a linha ortodoxa dos paulistas que lançaram o movimento? O que você tem a dizer da utilização dos elementos visuais na sua poesia?

Carlos Frederico Manes: Quando descobri a poesia

concreta, e as vanguardas que a ela se seguiram, notadamente as obras de Wladimir Dias-Pino e de Affonso Ávila, percebi que estava diante de algo realmente novo, revolucionário mesmo. Alguns procedimentos adotados pelo grupo de São Paulo já haviam sido utilizados por outros poetas anteriormente, como Mallarmé e Cummings, e até mesmo Gerard Manley Hopkins. Mas ao grupo Noigandres coube a primazia da sistematização de uma nova forma de fazer poesia. Além disso, gosto muito de artes plásticas, especialmente do abstracionismo formal, e de experimentos musicais, como os de Ryoji Ikeda e Thierry de Mey. Este livro foi uma tentativa de incorporar a liberdade trazida por essas vanguardas à minha própria linguagem.

Simone Guerreiro: Quais os motivos que o levaram a tornar-se poeta?

Carlos Frederico Manes: Na verdade tornei-me poeta por acidente. Desde criança, meu intuito era o de me tornar músico. Queria muito aprender a tocar violino, mas como naquela época, início dos anos 70, não havia instrumentos a um preço acessível para famílias de classe média mais baixa, como a minha, tive que abrir mão desse sonho. Mas continuei ouvindo bastante música. Meu interesse por literatura era ainda uma coisa muito difusa. Em geral gostava muito dos textos infanto-juvenis. Livros como **Calunga**, e **O caso da borboleta Atíria**, ambos de Lúcia Machado de Almeida, marcaram muito o meu imaginário de criança. Também gostava dos textos postos no início de cada capítulo dos livros didáticos. Lembro-me bem de que o primeiro poema que me impressionou foi de Cecília Meireles, o “Romance LIII ou Das Palavras Aéreas”, integrante

do **Romanceiro da Inconfidência**. Ainda hoje, esse poema me surpreende. Sempre que o leio, imediatamente me transporto para aquela velha sala de aula. Era uma época em que, por mais estranho que possa parecer, meus heróis eram compositores e cientistas: Mozart e Gauss; Chopin e Wagner; Darwin e Einstein, eram alguns dos nomes que povoavam meu imaginário, e até início do Ensino Médio, tinha intenção de enveredar pela área de ciências Biológicas, ou mesmo de Exatas.

Ironicamente, foi a própria música que me levou à poesia. Eu conhecia, apenas de nome, Schoenberg e seus discípulos Alban Berg e Anton Webern, que formaram o que se convencionou chamar Segunda Escola de Viena. Numa noite, ouvindo um programa de música erudita na rádio JB, ouvi as *Três peças para orquestra*, de Berg; alguns dias depois, a *Suite, op. 29*, de Schoenberg. Para um garoto habituado ao mundo estritamente tonal, não apenas no âmbito da música chamada erudita, mas também no do rock e da MPB, foi uma revelação e um choque. Gravei ambas em fita cassete, e ficava ouvindo várias vezes seguidas, a princípio sem entender muito bem. Dei-me conta de que eu estava conhecendo um outro universo musical. Na verdade, eu estava abrindo as portas da arte moderna. Fiquei tão impressionado que, movido pela curiosidade, passei não apenas a ouvir outros compositores contemporâneos, mas também a procurar expressões artísticas correspondentes àquela experimentação em outras linguagens artísticas: primeiro nas artes plásticas, que me levaram ao cinema; por último, na literatura. Foi quando, já no Ensino Médio, cheguei a Mário de Andrade. Depois a Oswald e, finalmente, a Drummond, Bandeira. Embora eu não tivesse me tornado músico, o desejo de expressar-me artisticamente não havia cessado. Comecei a

escrever poemas. Mostrei os primeiros a meu professor de língua portuguesa, na época, e ele me incentivou bastante, dizendo que eu deveria continuar, coisa que me deixou muito feliz. Nunca mais parei de escrever. E hoje, por fim, já com uma situação economicamente mais favorável, comecei a estudar violino.

Recebido em: 24/09/2020//Aceito em 21/11/2020